

O CAPOTE

No ministério de... Não, é melhor não dizer seu nome. Ninguém é mais suscetível do que funcionários, empregados de repartições e gente da esfera pública. Nos dias que correm, todo sujeito acredita que, se nós atingimos a sua pessoa, toda a sociedade foi ofendida. Recentemente, é o que dizem, o chefe de polícia de não sei qual cidade produziu um informe no qual diz sem meias palavras que o respeito às leis se perdeu e que seu sagrado nome foi pronunciado “em vão”. Em apoio ao que afirma, juntou à petição uma volumosa obra romanceada na qual, a cada dez páginas, surge um chefe de polícia não raro num estado de lamentável embriaguez. Assim, para evitar tais suscetibilidades, chamemos o ministério em questão simplesmente de *um certo ministério*.

Logo, havia *num certo ministério um funcionário*. Tal funcionário não saía do costumeiro: pequeno, raquítico, ruivo, tinha a vista curta, a testa calva, rugas ao longo das bochechas e uma destas peles com uma tonalidade que chamaríamos de hemorroidosa... Que se pode fazer, a culpa é do clima de Petersburgo! Quanto ao grau (pois entre nós é sempre por esta indicação que se deve começar), é o eterno *conselheiro titular* do qual zombaram amplamente um grande número de escritores daqueles que têm o louvável hábito de se fixar em sujeitos que são incapazes de mostrar os caninos. Ele se chamava Bachmatchkin, nome que se origina, como é fácil ver, de *bachmak*, sapato. Ignora-se, no entanto, como se produziu a derivação. O pai, o avô, o próprio cunhado, e todos os parentes de Bachmatchkin sem exceção usavam botas que recebiam novas solas a cada dois ou três anos. Seu prenome era Akaki Akakiévitch. Meus leitores talvez achem este nome extravagante e rebuscado. Posso garantir que não se trata disso e que certas circunstâncias não me permitem lhe dar um outro. Eis como as coisas se deram: Akaki Akakiévitch nasceu ao anoitecer do dia 23 de março, se estou bem lembrado. Sua pobre mãe, uma esposa de um funcionário muito estimado sob todos os aspectos, como era sua obrigação, mandou batizá-lo. Ela ainda estava de resguardo em seu leito, tendo a sua direita o padrinho Ivan Ivanovitch Iérotchkin, um homem excelente, chefe do escritório do Senado, e a madrinha Irene Sémionovna Biélobriouchkov, mulher de um oficial de polícia, dotada de raras virtudes. Foram submetidos três nomes à escolha da parturiente: Mokia, Sosie e Cosdazat, o mártir. “Que raios de nomes! Disse ela. Não quero nenhum destes!” Para agradá-la, o almanaque foi aberto em outra página e três novos nomes foram sugeridos: Trifili, Dulas e Barachisi. “É de fato um castigo de Deus, resmungou a boa senhora. Nada de nomes impossíveis. Jamais encontrei nomes parecidos com estes! Que seja Baradat ou Baruch, mas Trifili e Barachisi!” Virou-se mais uma página e a leitura caiu sobre Pausicaci e Bactici. “Vamos lá!, disse a acamada. É certamente um sinal do destino. Nestas condições, o melhor é lhe dar o nome do pai. O pai se chamava Akaki. Que o filho se chame Akaki.” Eis a razão pela qual nosso herói se chama Akaki Akakiévitch. A criança foi batizada e começou a chorar e a fazer caretas como se pressentisse que um dia seria

conselheiro titular. Foi assim que as coisas ocorreram. Nos sentimos obrigados a fornecer estes detalhes para que os leitores possam se convencer que tal prenome foi ditado exclusivamente pela necessidade

Ninguém lembrava em que época Akaki Akakiévitch havia ingressado no ministério e quem o havia recomendado. Por mais que mudassem os diretores, os chefes de divisão, os chefes de serviços e todos os demais, eles o encontravam sempre no mesmo lugar, na mesma atitude, ocupado com a mesma tarefa expedicionária, se bem que na sequência tenham sido levados a concluir que ele viera ao mundo usando uniforme e com a cabeça raspada. Ninguém lhe votava qualquer consideração. Longe de se erguerem à sua passagem, os porteiros prestavam menos atenção à sua aproximação do que ao voo de uma mosca. Seus superiores o tratavam com uma frieza despótica. O primeiro subchefe que aparecia lhe atirava as papeladas diante de seu nariz sem nem mesmo ter o trabalho de dizer: “Faça o favor de copiar isto”, ou: “Eis aí um processinho da melhor qualidade”, como é uso entre burocratas de boa educação. Sem lançar um só olhar para a pessoa que lhe impunha este trabalho, sem se preocupar se ela tinha o direito de fazê-lo, Akaki Akakiévitch olhava por alguns momentos para o documento e, em seguida, se preparava para copiá-lo. Seus jovens colegas gastavam com ele o arsenal de gozações correntes no escritório. Contavam em sua presença toda espécie de historietas inventadas a seu respeito. Insinuavam que ele aturava os maus tratos de sua locatária, uma velha mulher de sessenta e dois anos, e perguntavam quando iria casar com ela. Jogavam papel picotado sobre sua cabeça, uma “precipitação de neve”, exclamavam. Mas Akaki Akakiévitch permanecia impassível. Era como se ninguém estivesse à sua frente. Ele não permitia que o distraíssem de suas tarefas e todas estas provocações não o faziam cometer sequer um erro. Se a gozação ultrapassava os limites, se alguém cutucava seu cotovelo ou o arrancava de suas obrigações, ele se contentava em dizer:

“Deixem-me! O que eu fiz para vocês?”

Havia algo de estranho nestas palavras. Ele as pronunciava num tom de tal forma miserável que um jovem, que ingressara recentemente no ministério e que acreditara ser uma boa coisa imitar seus colegas ridicularizando o pobre homem, parou de repente como se tivesse sido golpeado no coração. Desde então, o mundo tomou a seus olhos um novo aspecto. Uma força sobrenatural pareceu desviá-lo de seus camaradas, os quais ele tomara de início por pessoas bem-educadas. E por muito tempo, durante momentos de alegria, ele revia o pequeno funcionário de cabeça calva e escutava suas palavras cortantes: “Deixem-me! O que eu fiz para vocês?” E nestas palavras cortantes sentia ecoarem outras palavras: “Eu sou teu irmão!” Assim, o jovem infeliz cobria seu rosto e mais de uma vez no curso de sua existência ele arrepiou-se vendo o quanto o homem acumula em si de desumanidade, ao constatar que grosseira ferocidade se esconde por debaixo das maneiras polidas, mesmo, ó meu Deus!, entre aqueles que o mundo considera pessoas honestas...

Difícilmente encontraríamos um funcionário tão profundamente dedicado a seu trabalho quanto Akaki Akakiévitch. A ele se entregava com todo zelo; não, isso

seria pouco: a ele se entregava com todo amor. Esta eterna transcrição lhe parecia um mundo sempre atraente, sempre diverso, sempre novo. O prazer que extraía desta atividade se refletia em seus traços. Quando chegava a certas letras que eram suas favoritas, ele se sentia deliciado, remexia os lábios como se isso o ajudasse em sua tarefa. Era desta forma que se podia ver em seu rosto as letras que traçava com sua pena. Caso se recompensasse dignamente seu zelo, ele teria alcançado, não sem surpresa de sua parte, o título de conselheiro de Estado. Mas ele não havia nunca obtido, para falarmos como aqueles seus colegas gozadores, mais do que um zero bem redondo e hemorroidas no rabo. Entretanto, seria ir longe demais imaginar que jamais demonstravam por ele alguma consideração. Desejoso de recompensá-lo por seus inestimáveis serviços, um bravo diretor confiou-lhe um belo dia uma tarefa mais importante do que as cópias habituais. Tratava-se de extrair de um relatório completamente no ponto uma exposição destinada a outra administração: o trabalho consistiria na troca do título geral e na mudança de alguns verbos da primeira para a terceira pessoa. Este trabalho pareceu tão árduo a Akaki Akakiévitch que o infeliz, coberto de suor, esfregou a própria cabeça e terminou por declarar:

“Não, decididamente, deem-me alguma coisa para copiar”.

Desde então foi deixado com suas cópias, fora das quais nada parecia existir para ele. Nem de sua aparência ele costumava cuidar: o paletó de seu uniforme passara do verde ao ruivo farinhoso. Ele usava um colarinho baixo, estreito, na saída do qual seu pescoço, embora curto, parecia de um comprimento extraordinário, como o daqueles gatos de gesso, com cabeça bamboleante, que são oferecidos às dezenas por pretensos “estrangeiros” nascidos em Petersburgo. Havia sempre um fio, uma fitinha, um pedacinho de palha grudados a seu paletó. Tinha a virtude de se encontrar debaixo de uma janela no momento preciso em que por ela eram atirados toda sorte de detritos. Como resultado, cascas de melão, de melancia e de outras bugigangas do mesmo gênero ornavam continuamente seu chapéu. Nem uma só vez em sua vida ele prestou atenção ao espetáculo cotidiano da rua, espetáculo ao qual os jovens funcionários dedicam olhares tão atentos que chegam a distinguir na calçada em frente uma presilha rasgando, o que traz a seus lábios invariavelmente um sorriso zombeteiro. Supondo-se que Akaki Akakiévitch dirigisse os olhos sobre um objeto qualquer, ele deveria nele perceber linhas escritas em sua caligrafia clara e fluente. Se um cavalo subitamente colocasse o nariz sobre seu ombro, bafejando uma verdadeira tempestade em seu pescoço, ele perceberia enfim estar no meio da rua e não mais no meio de uma linha escrita. Voltando a sua casa, ele se colocava de imediato à mesa, engolia sua sopa de couve acompanhada com um pedaço de carne acebolada. Engolia esta mistura sem perceber que gosto tinha, juntamente com as moscas e todos os complementos que o bom Deus se dignara acrescentar conforme a estação. Quando sentia o estômago suficientemente estufado, ele se levantava, tirava de uma gaveta um vidro de tinta e copiava documentos trazidos do escritório. Caso o trabalho acabasse, ele fazia cópias para seu próprio prazer, preferindo, em lugar de peças interessantes pela beleza do estilo, aquelas que eram endereçadas a personagens recentemente nomeados ou colocados nos escalões mais altos.

Há uma hora em que o céu cinzento de Petersburgo escurece completamente, quando este pessoal burocrata, já tendo jantado, cada um segundo suas posses ou suas fantasias, já se sente refeito das preocupações do escritório, dos rangidos das penas, idas e vindas, tarefas urgentes, todas as obrigações que um trabalhador infatigável se impõe muitas vezes sem necessidade. Então, ele se apressa em consagrar o resto de seu dia ao prazer. Os mais atrevidos vão ao teatro. Este vai para a rua para contemplar os mais belos penteados. Aquele encara uma noitada para dirigir cumprimentos a qualquer jovem atraente. Outros, os mais numerosos, vão simplesmente encontrar um colega que ocupa no segundo ou no terceiro andar um pequeno apartamento de duas peças, cozinha, antecâmara e alguma pretensão a estar na moda, uma lâmpada, um bibelô qualquer, fruto de inúmeros sacrifícios, tais como ficar sem jantar, sem passeios, etc. A esta hora, portanto, na qual todos os funcionários se dispersam nas minúsculas residências de seus amigos para aí jogar um uíste, infernal enquanto degustam taças de chá acompanhadas de biscoitos de um centavo, fumando longos cachimbos turcos, contando, enquanto se dá as cartas, uma destas fofocas do grande mundo das quais a Rússia não poderia abrir mão, ou requentando, à falta de coisa melhor, a eterna historieta do comandante avisado por um engraçadinho que haviam cortado a cauda do cavalo da estátua de Pedro, o Grande, esculpida por Falconnet. Em resumo, nesta hora em que cada um trata de se distrair, somente Akaki Akakiévitch não se permitia qualquer repouso. Ninguém seria capaz de lembrar-se de tê-lo visto alguma vez numa festa qualquer. Após ter escrito até se fartar, ele se deitava sorrindo por antecipação ao pensar no dia seguinte: que documentos a graça de Deus confiaria a ele para serem copiados? Assim, nesta paz decorria a vida de um homem que, com quatrocentos rublos de vencimentos, se mostrava contente com a própria sorte. E deste modo sem dúvida ele alcançaria uma velhice avançada caso, neste vale de lágrimas, toda espécie de calamidades não estivesse a espera dos conselheiros titulares, do mesmo modo que dos conselheiros secretos, virtuais, áulicos, etc., enfim, dos conselheiros de calibres os mais variados, até mesmo aqueles que não dão nem pedem conselhos a ninguém.

Um poderoso inimigo espreita em Petersburgo as pessoas que gozam de vencimentos de aproximadamente quatrocentos rublos. Este inimigo é nosso clima setentrional, que no entanto tem a fama de ser muito saudável. Pela manhã, entre oito e nove, naquela hora em que os funcionários se dirigem a seus ministérios, o frio é justamente tão penetrante e ataca com uma tal violência a todos os narizes, sem distinção, que seus infelizes proprietários não sabem onde se abrigar. Quando o frio dá semelhantes piparotes na frente de altos funcionários, fazendo com que lágrimas escorram de seus olhos, os pobres conselheiros titulares se encontram muitas vezes sem defesa. Não lhes resta senão uma oportunidade de salvação: embrulhar-se em suas magras sobrecasacas e alcançar correndo cinco ou seis ruas o vestíbulo do ministério para aí sapatear até que degelem as faculdades necessárias ao desempenho de seus deveres profissionais. Desde algum tempo, Akaki Akakiévitch percorria correndo esta distância fatal, sentindo-se inteiramente enregelado, especialmente nas costas e nos ombros. Ele veio a se perguntar se não era culpa de seu capote. Examinou-o

quando chegou em casa e descobriu que em dois ou três lugares, precisamente nas costas e nos ombros, o pano havia assumido a transparência de uma gaze e o forro havia praticamente desaparecido. É preciso observar que o capote de Akaki Akakiévitch alimentava também os sarcasmos de sua repartição. Haviam mesmo retirado a nobre denominação de casaco para tratá-lo desdenhosamente por “capote”. De fato, a vestimenta tinha um aspecto muito estranho. Sua gola diminuía ano após ano, pois ela servia para remendar outros lugares. Os remendos não colocavam em destaque o valor do alfaiate; o conjunto era pesado e bastante feio. Akaki Akakiévitch compreendeu que deveria levar seu casaco ao alfaiate Petrovitch, que trabalhava em casa no terceiro andar de uma escada de serviço e que, apesar de um olho vesgo e um rosto delgado, reparava muito habilmente as vestimentas e as calças dos uniformes, mesmo as roupas civis, sob condição, bem entendido, que ele estivesse em jejum e não tivesse também outra fantasia na cabeça. Claro, seria aconselhável não nos estendermos muito a respeito deste alfaiate, mas como se tem o costume, nos romances, de não deixar na sombra nenhum traço dos personagens, vamos a ele. Ele só se tornou Petrovitch depois de sua alforria, quando deu para se embriagar, de início no transcorrer das grandes festas, depois em todas aquelas que são marcadas no calendário por uma cruz. Sob este aspecto, ele observava fielmente os costumes ancestrais e, em suas disputas com sua nobre esposa, tratava a esta seja de mundana, seja de alemã. E já que fizemos alusão a esta pessoa, é bom que digamos também aqui duas palavras. Por infelicidade, não se sabia quase nada a seu respeito, salvo que era a mulher de Petrovitch e que ela usava uma touca no lugar de um xale. Não tinha qualquer intenção, pelo que parece, de vangloriar-se de ser bonita. Ao menos, apenas os soldados da guarda ali se dispunham a observá-la sob a touca. Mas, fazendo isso, eles eriçavam seus bigodes e soltavam grunhidos que significavam muito.

Subindo a escada de Petrovitch, escada que, é preciso lhe fazer esta justiça, estava inteiramente rebocada com detritos e águas engorduradas, totalmente infiltradas também deste odor espirituoso que fere os olhos e que se encontra, como ninguém o ignora, em todas as escadas de serviço de Petersburgo – subindo portanto a escada, Akaki Akakiévitch inquietava-se antecipadamente com o preço que Petrovitch pediria e tomava a firme resolução de não lhe dar mais do que dois rublos. A porta do alfaiate estava aberta, sua considerada esposa tendo, ao fritar não se sabe que tipo de peixe, deixado escapar uma fumaça tão espessa que não se distinguia nem mesmo as baratas. Sem ser percebido pela dona da residência, Akaki Akakiévitch atravessou a cozinha e entrou na peça na qual viu Petrovitch sentado sobre uma grande mesa de madeira, as pernas cruzadas como um paxá turco. Seus pés estavam nus, segundo o costume dos alfaiates quando estão trabalhando, e o que saltava aos olhos era seu dedão, que Akaki Akakiévitch conhecia muito bem, e cuja unha deformada era grande e forte como uma carapaça de tartaruga. Petrovitch trazia dependurado em seu pescoço um fio de seda e muitos outros fios, além de uma roupa velha sobre os joelhos. Durante uns três bons minutos, esforçou-se em vão para enfiar a linha na agulha, o que ele atribuía à obscuridade e à própria linha, a qual censurava em voz baixa: “Vais entrar, sua canalha! Já me irritaste o bastante, maldita!” Akaki

Akakiévitch estava desolado por encontrar Petrovitch furioso. Gostava de passar seus pedidos ao alfaiate quando este se encontrava ligeiramente embriagado, ou, como dizia sua mulher, quando “este diabo de caolho tenha enchido bem a caveira”.

Neste estado, com efeito, Petrovitch se apresentava compreensivo, acertava descontos, desmanchava-se em agradecimentos. Sua mulher, é verdade, vinha em seguida choramingar junto aos fregueses, assegurando-lhes que o bêbado do seu marido lhes havia feito um preço verdadeiramente muito baixo. Só se ficava livre caso se concedesse em acrescentar uma moeda de dez copeques. No momento, ao contrário, Petrovitch parecia sóbrio e, conseqüentemente, ríspido, intratável, inclinado a exigir preços fabulosos. Akaki Akakiévitch compreendeu-o de imediato e tentou se esquivar, mas era tarde. Petrovitch já havia fixado nele seu único olho. Akaki Akakiévitch disse mecanicamente:

“Bom dia, Petrovitch!

– Eu lhe desejo um bom-dia, senhor, replicou Petrovitch dirigindo seu olhar para as mãos de seu visitante para ver de que despojos elas estavam carregadas.

– Mas, bom, eis aí, Petrovitch, não é...”

É preciso saber que Akaki Akakiévitch se exprimia o mais das vezes por meio de advérbios, de preposições, ou seja, de partículas inteiramente desprovidas de sentido. Nas situações embaraçantes, ele não terminava suas frases e, muito frequentemente, depois de ter iniciado um discurso deste gênero: “É verdadeiramente de fato... não é...”, ele parava bruscamente acreditando ter dito tudo.

“Que há?”, perguntou Petrovitch inspecionando com seu olho único o paletó de Akaki Akakiévitch desde a gola até as mangas, sem esquecer as costas, as abas, as casas dos botões, todas estas coisas que aliás ele conhecia muito bem, pois elas eram obra de suas mãos. Mas, o que se pode fazer?, tal é o costume dos alfaiates.

“Eh, bem, não é, Petrovitch..., meu casaco... Em todas as partes, aliás, o tecido continua consistente... A poeira faz com que pareça velho, mas é novo... Não há senão aqui neste lugar, não é... Eis aí, aqui, nas costas... E ademais, este ombro está um tanto puído... E este também, um pouco menos, está vendo?... Pois bem, é tudo. Não se trata de um trabalho muito grande...”

Petrovitch pegou o “capote”, estendeu-o sobre a mesa, analisou-o longamente, balançou a cabeça, alcançou sobre a soleira da janela uma caixa de rapé ornada com o retrato de um general cujo nome eu ignoro, pois um retângulo de papel ocupava o lugar do rosto, furado por um golpe de algum dedo. Depois de ter aspirado rapé, Petrovitch examinou o capote junto à luz, colocando-o sobre seus braços esticados, balançou novamente a cabeça, depois a recolocou em posição de examinar o forro, retomou a caixa de rapé, encheu suas narinas, fechou o rapé, recolocou-a na soleira e concluiu finalmente:

“Não, é impossível recuperar este troço aí, está demasiado velho!”

Akaki Akakiévitch sentiu um golpe no coração.

“Mas por qual razão, Petrovitch?, disse ele com uma voz quase infantil. Ele está gasto somente nos ombros. Tu deves ter um pedaço ou dois que...”

– Pedacos, isso sempre se encontra, replicou Petrovitch. Mas é impossível fazer com que fiquem no lugar, o tecido está gasto até as cordas, veja só! Isso aqui se desfilará por inteiro assim que eu meter aí uma agulha!

– E daí? O que tem? Coloca assim mesmo um retalho, vamos ver o que acontece!

– E no que deseja que eu costure, este tal retalho? Não, vá por mim, este tecido só é um tecido na falta de outro nome. O senhor mesmo está vendo que não passa de um farrapo.

– Não, não... Dê um jeito. Prenda um retalho como for possível...

– Não, cortou Petrovitch, é impossível! Em seu lugar, ao chegar o frio, eu cortaria este capote em tiras com as quais embrulhar os pés, já que meias, como sabe, não aquecem e são uma invenção dos alemães para ganhar ainda mais dinheiro e encher seus bolsos. (Petrovitch implicava de bom grado com os alemães.) E mandaria confeccionar um casaco novo.”

A palavra “novo” quase cegou Akaki Akakiévitch. Todos os objetos se embaralharam bruscamente diante de seus olhos numa espécie de bruma através da qual ele não distinguiu mais do que o general com rosto de papel que ornava a caixa de rapé de Petrovitch.

“Um casaco novo! Murmurou ele afinal, como se fosse num sonho... Mas onde eu iria arranjar o dinheiro?

– Sim, sim, um novo, repetiu fleumaticamente aquele monstro do Petrovitch.

– E se, por acaso, eu encomendasse um novo, o que é que... Vejam os... não é...

– Quanto iria custar, é isso que quer saber?

– Precisamente.

– Aproximadamente três cédulas de cinquenta rublos”, disse Petrovitch apertando os lábios. Ele amava estes efeitos espetaculares, sentia prazer em embaraçar as pessoas só pelo prazer de observar que cara iriam fazer.

“Cento e cinquenta rublos por um casaco!, exclamou, pela primeira vez em sua vida, sem dúvida, o infeliz Akaki Akakiévitch, que ordinariamente falava com uma voz muito baixa.

– Certamente, disse Petrovitch. E isso ainda depende do tipo de casaco que for escolhido. Se quiser uma gola de marta e um capuz com forro de cetim, será preciso calcular duzentos rublos.

– Em nome dos céus, Petrovitch, implorou Akaki Akakiévitch sem querer entender o propósito do alfaiate, nem prestar atenção a seus truques. Em nome dos céus, remende-o de um jeito ou de outro, de tal modo que ainda sirva para alguma coisa!

– Não. Eu lhe afirmo que eu perderia meu trabalho e meu tempo e, o senhor, seu dinheiro.”

Com estas palavras, Akaki Akakiévitch deixou a peça completamente aniquilado. E muito tempo depois de sua partida, Petrovitch permaneceu imóvel, os lábios pressionados, muito satisfeito por haver salvaguardado a sua dignidade e a dignidade de sua arte.

Uma vez na rua, Akaki Akakiévitch pensava que acabara de ter um



pesadelo. “Eis aí um caso! se dizia ele. Jamais acreditaria que... não é...” E após um longo silêncio, ele continuou: “Não, eu não acreditaria que...” Seguiu-se novamente um longo silêncio. Enfim, ele acrescentou: “Não, na verdade... é algo no qual não se pode acreditar...” Assim, ao invés de voltar para casa, ele se dirigiu, sem o notar, para o lado oposto. No caminho, um limpador de chaminés chocou-se com ele e sujou seu ombro. Uma avalanche de cal desabou sobre ele do alto de uma casa em construção. Ele não percebeu nada disso e só deu conta de si quando tropeçou em um policial, o qual, a alabarda ao lado da cintura, agitava um chifre de tabaco em sua mão calosa. Foi ainda preciso que o homem lhe gritasse:

“Que tens para trombar na fuça dos outros? A calçada é para quê?”

Esta interpelação fez com que abrisse os olhos e voltasse sobre seus passos. Entrando em sua residência, ele pôde afinal analisar suas ideias, examinar friamente a situação, falar consigo mesmo, não mais através de frases truncadas, mas num tom de judiciosa franqueza do qual nos servimos para discutir com algum amigo sensato um negócio que fere particularmente nosso coração. “Não, se disse Akaki Akakiévitch, hoje não há meios de alguém se entender com Petrovitch. Ele está num estado tal... Deve ter apanhado da mulher. Vou voltar domingo pela manhã. Depois do porre do dia anterior, eu o encontrarei com o olhar vesgo e a cara sonolenta. Ele vai querer beber algo para reencontrar sua confiança, e como sua mulher não lhe dará nem mesmo um centavo, então eu, eu lhe darei uma moeda de dez copeques. De imediato ele se mostrará mais conciliador e então, não é..., o casaco...”

Este raciocínio recuperou a confiança de Akaki Akakiévitch. No domingo seguinte, ele espionou a mulher de Petrovitch e, assim que a viu sair, ele foi ao encontro do espertalhão. Este se encontrava completamente sonolento, o olhar estrábico e a cabeça baixa. Mas, assim que soube porque Akaki Akakiévitch voltara, Petrovitch pareceu possuído pelo demônio.

“Não, é impossível, declarou ele, encomende um novo.”

Akaki Akakiévitch colocou em sua mão uma moeda de dez copeques.

“Muito agradecido, senhor, disse Petrovitch, vou tomar um copo em sua homenagem. Quanto ao casaco, creia em mim, não pense mais nisso. Ele está no fim, o coitado! Vou lhe fazer um novo, segundo seu gosto. Confie em mim.”

Akaki Akakiévitch quis voltar ao assunto, mas, sem escutá-lo, Petrovitch continuou:

“Sim, sim, conte comigo, será um belo trabalho. E, caso queira ficar na moda, eu colocarei uma gola com colchetes de prata.”

A partir de então, convencido de que não poderia passar sem um casaco novo, Akaki Akakiévitch sentiu sua coragem abandoná-lo. Onde encontrar o dinheiro necessário? Estava esperando uma gratificação para as festas, mas ela já estava antecipadamente destinada a outros fins. Precisava comprar uma calça, pagar o sapateiro por um velho remendo, encomendar três camisas e dois pares destas peças íntimas cujos nomes seria inconveniente colocar em letras de fôrma. Em resumo, Akaki Akakiévitch já havia destinado todo este dinheiro e mesmo se o diretor se dignasse a elevar a soma para quarenta e cinco ou, digamos, cinquenta rublos, não restaria quase nada, uma bagatela que, na

constituição do capital exigido para o casaco, representariam tanto quanto uma gota d'água no oceano. Evidentemente, Petrovitch via algumas vezes a lua ao meio-dia e pedia então preços exorbitantes. Mesmo sua mulher não podia algumas vezes deixar de gritar: “Isso, agora? Estás louco? Te atacou o demônio da ganância? Há dia em que este imbecil trabalha por nada e eis agora que deseja receber muito mais do que vale!” Akaki Akakiévitch estava certo de que Petrovitch se contentaria com oitenta rublos, mas a questão era saber onde encontrá-los. A rigor, sabia onde encontrar a metade, talvez um pouco mais. Quanto ao resto...

Indiquemos ao leitor de início a origem desta metade. A cada rublo que gastava, Akaki Akakiévitch tinha o costume de guardar meio copeque, depositando-o numa fenda aberta na tampa de um cofrezinho fechado com chave. A cada seis meses, ele fazia a conta das moedas de cobre e as substituía por moedas de prata. Ao final de muitos anos, ele chegou desta forma a acumular mais de quarenta rublos de economias. Assim, a metade da soma estava a sua disposição. Restava a outra metade. Onde encontrar estes quarenta rublos que faltavam? De tanto pensar, Akaki Akakiévitch resolveu reduzir suas despesas ao menos ao longo de um ano. Desde então, ele não tomou mais chá à noite e não acendeu mais a vela, levando seu trabalho, quando havia necessidade, para ser feito no quarto da proprietária. Na rua, passou a andar na ponta dos pés para preservar as solas dos sapatos. Só raramente recorria aos serviços da lavadeira, evitando usar suas roupas brancas, que ele substituía, tão logo entrava em casa, por um velho roupão de fustão, que não fora poupado pelo tempo. Na verdade, tais restrições lhe pareceram de início muito duras, mas acostumou-se a elas aos poucos e terminou, num belo dia, por passar sem a ceia. Como ele sonhava sem parar com seu futuro casaco, este sonho foi para ele um alimento suficiente, embora imaterial. Mais ainda: sua própria existência ganhou em importância. Sentia a seu lado como que a presença de um outro ser, algo como uma companhia amável que houvesse consentido em percorrer com ele os caminhos da vida. E tal companhia não era outra senão a bela peliça nova, acolchoada com um pesado forro. Ele se tornou mais vivo e mais firme de caráter tão logo fixou para si uma meta de vida. A dúvida, a indecisão, todos os traços hesitantes e imprecisos desapareceram de seu rosto e de seus atos. Uma chama ardia algumas vezes em seus olhos, os pensamentos mais audaciosos tomavam conta por vezes de sua cabeça: por que, no final das contas, não encomendava uma gola de marta? Isso terminou por lhe provocar distrações. Um dia, enquanto copiava um documento, quase chegou a cometer um erro, mas a tempo se benzeu e soltou um “ufa!” de alívio. Ao menos uma vez por mês, ia ao encontro de Petrovitch para falar com ele a respeito do casaco. Onde comprariam o pano? Que tonalidade seria mais conveniente? Que preço? Depois de ter discutido estas graves questões, ele voltou para casa um pouquinho preocupado, mas sonhando com alegria que um belo dia o casaco se tornaria realidade. O caso tomou até mesmo um andamento mais rápido que ele esperava. Contra todas as expectativas, o chefe do pessoal lhe concedeu naquele ano sessenta rublos de gratificação ao invés dos quarenta ou quarenta e cinco rublos habituais. Teria o chefe do departamento de pessoal adivinhado que Akaki

Akakiévitch precisava encomendar um casaco? Ou será o caso de ver aí apenas um simples acaso? Não sei. O que é certo é que Akaki Akakiévitch pôde dispor de um ganho extra inesperado de vinte rublos. Esta circunstância fez avançar em muito as coisas. Mais dois ou três meses de privações e nosso homem se viu numa bela manhã de posse dos oitenta rublos desejados. Seu coração, ordinariamente tão calmo, começou a bater descompassadamente. Já a partir daquele dia ele fez, em companhia de Petrovitch, um giro para as compras. Comprou-se, como seria natural, um pano de muito boa qualidade, no qual pensavam há cerca de um semestre, e do qual haviam, de mês em mês, se informado dos preços. Petrovitch aliás disse que não se encontraria algo melhor. Para o forro, contentaram-se com um pano de algodão, mas de tão alta qualidade que, sempre segundo Petrovitch, não perdia em nada para a seda e parecia até mesmo mais brilhante. E como a marta custava realmente mais caro, contentaram-se com uma pele de gato, escolhendo a mais bela que havia na loja – de resto, vista de longe, parecia ser pele de marta. A confecção do casaco não ocupou mais do que duas semanas, e isso porque precisou ser acolchoado e costurado – caso contrário, Petrovitch o teria concluído mais cedo. Por isto Petrovitch cobrou mais doze rublos, mas não se podia pedir menos, pois tudo estava costurado em pespontos com fio de seda, sendo que Petrovitch havia arrematado cada costura com dentes de fustão.

Foi em... Eu não saberia dizer, juro, exatamente o dia em que Petrovitch entregou enfim o casaco. Akaki Akakiévitch não conheceu dia mais solene em toda a sua existência. Foi numa manhã, antes da saída para o ministério, e o traje não poderia ter vindo mais a propósito, pois o frio já estava muito forte, ameaçando tornar-se rigoroso. O próprio Petrovitch trouxe o casaco, como o deve fazer um bom alfaiate. Akaki Akakiévitch jamais vira alguém com uma cara tão majestosa. Petrovitch parecia perfeitamente convencido que de realizara sua grande obra, estabelecendo de um modo definitivo o abismo que separa um alfaiate de um remendão. Ele retirou o casaco do pano que o embrulhava e que viera diretamente da lavanderia, guardando o pano, cuidadosamente dobrado, no bolso para usá-lo quando houvesse necessidade. Admirou por um momento sua obra-prima com um olhar orgulhoso e, com os braços estendidos, o colocou com muito esmero nas costas de seu cliente. Depois, tendo-o ajeitado bem na parte traseira, envolveu Akaki Akakiévitch à maneira dos cavalheiros. Levando em consideração a sua idade, Akaki Akakiévitch quis vestir as mangas. Petrovitch ajudou-o na operação e esta prova resultou num sucesso. Em resumo, o casaco assentara com perfeição e não tinha necessidade de qualquer retoque. Petrovitch aproveitou para declarar que, se havia pedido um preço tão baixo, fora em respeito a um velho cliente e também porque trabalhava numa rua distante. Um alfaiate da Perspectiva teria certamente exigido setenta e cinco rublos tão somente pelo trabalho. Akaki Akakiévitch não deu maior importância à observação, tanto medo lhe causavam as somas astronômicas com as quais Petrovitch costumava aturdir seus clientes. Pagou, agradeceu e partiu sem mais tardar para o ministério, vestido com seu novo casaco. Petrovitch desceu as escadas em seguida e, uma vez lá fora, parou para contemplar de longe sua obra-prima, depois, tomando uma ruela, saiu numa outra rua, alguns passos à

frente de Akaki Akakiévitch, com o objetivo de admirar ainda uma vez – de frente, agora – o famoso casaco.

Enquanto isso, Akaki Akakiévitch caminhava tomado pelo mais intenso júbilo. A sensação continuada do casaco novo sobre seus ombros o mergulhava num devaneio que, por diversas vezes, arrancou dele pequenos sorrisos. E como não exultar diante do pensamento de que o casaco oferecia a dupla vantagem de cair bem e de mantê-lo aquecido! Ele chegou ao ministério antes que houvesse se dado conta do caminho percorrido. Retirou seu casaco no vestiário, examinou-o sob todos os ângulos e o entregou ao porteiro. Não sei de que modo se espalhou na repartição o alarido segundo o qual Akaki Akakiévitch tinha um novo casaco e que o “capote” havia findado sua existência. Todos acorreram em seguida ao vestiário para verificarem com os próprios olhos. Os cumprimentos começaram a chover sobre Akaki Akakiévitch, que os acolhia de início com sorrisos e, depois, com uma certa confusão. Quando, pressionando-o, seus colegas insistiram para que ele festejasse a estreia e desse ao menos uma festa em sua honra, Akaki Akakiévitch já não sabia a que santo se agarrar. Depois de muito ter procurado em vão uma desculpa plausível, ele tentou de um modo muito ingênuo persuadi-los de que o casaco não era novo; vermelho de vergonha, tentou argumentar que se tratava ainda do mesmo e velho capote. Finalmente, um dos funcionários, um subchefe de escritório, se estou bem lembrado, desejoso sem dúvida de mostrar que ele não se sentia superior e não temia misturar-se com seus subordinados, tirou-o do embaraço ao declarar:

“Pois bem, sou eu quem dará a festa no lugar de Akaki Akakiévitch. Convido a todos para que venham esta noite tomar chá em minha casa, pois hoje a festa também é minha.”

Não é necessário dizer que os senhores funcionários cumprimentaram sem tardar o subchefe e aceitaram seu convite com toda a solícitude. Akaki Akakiévitch quis de início recusar, mas na medida em que todos fizeram com que se sentisse envergonhado por sua indelicadeza, ele foi levado a ceder aos apelos. Por outro lado, refletindo a respeito, viu, não sem prazer, que aquilo lhe permitiria desfilar mais uma vez em seu belo casaco novo e, desta vez, sob as luzes. Para o pobre diabo, esta jornada foi na verdade uma festa solene. Voltou para casa todo radiante, tirou a roupa e dependurou cuidadosamente seu casaco na parede, sem esquecer de admirar ainda uma vez o tecido e o forro. Depois apanhou o velho capote esgarçado para compará-lo ao casaco. Olhando-o, não conseguiu evitar um sorriso: a diferença era na verdade muito grande! E, durante sua refeição, um sorriso sarcástico marcou seus lábios cada vez que pensou no estado lamentável de seu velho sobretudo. Após esta refeição tão alegre, ele negligenciou pela primeira vez seus trabalhos de cópia para se esticar em sua cama e fazer-se um pouco de sibarita até cair a noite. Então, sem mais demora, vestiu-se, jogou seu casaco sobre os ombros e saiu.

Lamentamos não poder dizer com precisão onde residia o funcionário que o havia convidado. A memória começa a nos trair. As ruas e os edifícios de Petersburgo confundem-se de tal forma em nossa cabeça que já não conseguimos mais nos orientar neste vasto labirinto. Em todos os casos, é certo que o dito funcionário residia num dos mais belos bairros e, conseqüentemente,

muito distante de Akaki Akakiévitch. Este precisou seguir de início algumas ruas sombrias e quase desertas e iluminadas muito parcimoniosamente. Mas, à medida que se aproximava de seu destino, a movimentação se tornava mais viva e a iluminação mais brilhante. Entre os transeuntes, cujo número aumentava sem cessar, surgiram senhoras elegantemente vestidas e senhores com golas de castor. Os pequenos trenós de madeira entrelaçada, cobertos com pregos dourados, logo deram lugar a soberbas carruagens: grandes trenós envernizados, protegidos por peles de urso e conduzidos por cocheiros usando bonés de veludo framboesa. Ricos landaus com poltronas ornamentadas que faziam ranger a neve sob suas rodas. Akaki Akakiévitch analisava todas estas coisas como se as visse pela primeira vez, pois desde há muitos anos ele não saía à noite. Um quadro exposto numa vitrine iluminada reteve longamente sua atenção. Uma bela mulher retirava seu sapato, deixando à vista uma perna torneada com perfeição, enquanto que, através da porta entreaberta às suas costas, um senhor usando cavanhaque e costeletas lhe lançava olhares indiscretos. Akaki Akakiévitch balançou a cabeça, sorriu e retomou seu caminho. O que significaria este sorriso? Teria tido ele a revelação de alguma coisa que ignorasse, mas cujo vago instinto dormita no entanto em cada um de nós? Estaria ele dizendo, como tantos de seus colegas: “Ah, estes franceses, não há o que dizer, quando eles se metem nisso... então, não é... é verdadeiramente... de fato...” Pode ser também que nosso herói não tenha pensado em nada de parecido: não saberíamos auscultar a alma humana até o seu âmago e adivinhar tudo que nela se passa.

Ele chegou por fim à moradia do subchefe da repartição, o qual, era certo, deveria viver muito bem, pois seu apartamento ocupava o segundo andar e havia uma lanterna na escadaria. Quando colocou os pés na antecâmara, Akaki Akakiévitch percebeu sobre o piso de madeira filas de galochas no meio das quais um samovar zumbia em meio a turbilhões de vapor. De todas as paredes pendiam peles e sobretudo, alguns dos quais tinham golas de castor e outras forro de veludo. Um surdo alarido que vinha da peça vizinha ampliou-se subitamente: uma porta se abriu, dando passagem a uma criada carregando uma bandeja entulhada com copos vazios, um pote com requeijão, uma cesta de biscoitos, signo evidente de que os senhores funcionários já se encontravam lá há algum tempo e que já haviam consumido seu primeiro copo de chá. Akaki Akakiévitch dependurou seu casaco ao lado dos outros e animou-se a entrar na sala. Então, de um só golpe, os convidados, as velas, os cachimbos, as mesas de jogo cintilaram diante de seus olhos ofuscados, enquanto o barulho de cadeiras arrastadas e o caos das conversações desencontradas atingiam bruscamente seus ouvidos. Não sabendo mais o que fazer, ele paralisou-se numa pose das mais desengonçadas. Mas logo foi percebido, foi aplaudido, e todos se precipitaram à antecâmara para admirar mais uma vez o famoso sobretudo. Em sua inocência ingênua, Akaki Akakiévitch, ainda que inteiramente confuso, sentiu-se lisonjeado por este concerto de elogios. Em seguida, é claro, não demorou para que fosse deixado de lado, ele e seu sobretudo, em troca dos encantos do uíste. A balbúrdia, o falatório, a multidão, todas estas coisas desconhecidas mergulharam o pobre homem numa espécie de idiotia. Ele não sabia o que fazer de suas mãos, de seus pés, de seu corpo. Acabou sentando-se perto dos jogadores, cujos lances

procurou acompanhá-los. Ele os encarou a cada um deles alternadamente, mas se sentiu rapidamente tomado pelo tédio e começou a bocejar, pois há muito havia soado a hora em que costumava deitar-se. Então ele quis despedir-se do dono da residência, mas ninguém permitiu que o fizesse. Todos o retiveram, todos insistiram em lhe fazer um brinde como homenagem à estreia com pelo menos uma taça de champanhe. Ao término de uma hora, foi servida a ceia que compreendia uma salada, vitela fria, uma torta e fatias de bolo acompanhadas de champanhe. Akaki Akakiévitch foi levado a esvaziar duas taças que o animaram um pouco sem no entanto fazer com que esquecesse que já era meia-noite e havia muito, hora de voltar para casa. Com medo de que seu anfitrião tornasse a protestar, preferiu sair à francesa, apanhou seu sobretudo, que lamentavelmente caiu no chão, sacudiu-o, retirando dele o pó com muito cuidado, e desceu as escadas.

As lanternas ainda iluminavam as ruas. Algumas lojas, os assim chamados clubes permanentes de porteiros e gente do mesmo gabarito, ainda estavam abertos. Outros, ainda que fechados, deixavam escapar através das frestas um longo raio de luz, indício perfeito de que eles não estavam vazios, e provavelmente o pessoal de serviço ali prosseguia suas intermináveis fofocas, enquanto que seus chefes perplexos e entediados se perguntavam onde estes dignos servidores haviam desaparecido. Akaki Akakiévitch caminhava com um passo cambaleante. Subitamente se lançou, Deus sabe a razão, atrás das pegadas de uma dama que deslizou a sua frente como um meteoro e cujo corpo todo parecia estar em movimento. Mas ele refreou rapidamente esta petulância e se perguntou o que será que teria feito com que perdesse as estribeiras. E logo estenderam-se a sua frente estas ruas solitárias, margeadas por cercas e por casas de madeira, já muito feias à luz do dia, e às quais a tarde torna ainda mais lúgubres, ainda mais desoladas. A luminosidade de um candeeiro surgia apenas raramente – certamente estavam economizando óleo. Somente a neve cintilava sobre a calçada onde não havia alma viva e ao longo da qual os casebres cochilando por detrás de suas venezianas fechadas resultavam em sinistras manchas negras. Por fim surgiu um vasto espaço vazio, menos semelhante a uma praça do que a um horrível deserto. Os edifícios que contornavam seus limites mal eram divisados e, perdida nesta imensidão, a lanterna de uma guarita parecia estar ardendo distante, quase no fim do mundo. Chegando a este lugar, Akaki Akakiévitch sentiu sua segurança abandoná-lo. Teve o pressentimento de algo de ruim no ar e entrou na praça com uma circunspeção próxima do pânico. Lançou um olhar para trás, outro à direita, mais um à esquerda, e acreditou-se perdido num mar tenebroso. “Não, definitivamente, disse a si mesmo, é melhor nem olhar.” Avançou então com os olhos fechados e, quando os reabriu, para verificar se a travessia perigosa já havia terminado, se viu quase com o rosto colado com dois ou três indivíduos bigodudos. Quem seriam exatamente estes sujeitos? Não teve possibilidade de percebê-lo, pois sua vista se turvou e seu coração começou a bater em golpes descontraídos.

“Arrá! mas este capote é meu!”, exclamou com uma voz trovejante um dos personagens, que o agarrou pela gola. Quando Akaki Akakiévitch já estava abrindo a boca para gritar por socorro, o outro assaltante lhe brandiu diante do

nariz um punho do tamanho de uma cabeça de funcionário e rosnou:

“Te controla! E fica calado!”

Akaki Akakiévitch, mais morto do que vivo, sentiu apenas que estavam retirando seu capote. Um golpe com o joelho em seus rins fez com que rolasse sobre a neve, quando acabou por perder a consciência. Quando por fim se recuperou, levantou-se e percebeu que não havia ninguém por perto. Uma vívida sensação de frio lembrou-lhe o sumiço do capote. Começou a gritar, mas com uma voz que se recusava a alcançar os limites daquela área deserta. Alucinado, desnortado, vociferando, começou a correr, dirigindo-se diretamente à guarita junto à qual um guarda, apoiado em sua alabarda, abria, creio eu, dois grandes olhos curiosos. Que diabos estaria pretendendo aquele energúmeno que corria em sua direção berrando com todos os pulmões?

“Mas, disse ele, pensei que fossem seus amigos. Ao invés de me agredir, o senhor faria melhor caso fosse amanhã falar com o Comissário: ele irá encontrar seu sobretudo num piscar de olhos.”

Akaki Akakiévitch disparou num tiro só em direção a sua casa, onde chegou num estado lastimável: os cabelos – quer dizer, os poucos tufos que ainda protegem suas têmporas e sua nuca –, desgrenhados, o peito, as ancas, as pernas inteiramente cobertas de neve. Com os golpes terríveis que ele desferiu contra a porta, sua locatária, acordada em sobressalto, saltou de seu leito e se precipitou – se, em sua pressa, havia calçado apenas um dos chinelos, não deixou porém de puxar com uma mão pudica a camisola sobre os seios. O estado de seu locador fez com que recuasse de pavor; quando ela tomou conhecimento da tenebrosa aventura, ergueu os braços para os céus e se apressou em lhe dar seus melhores conselhos.

“Sobretudo, disse ela, evite prestar queixa ao comissário do bairro, o senhor teria apenas decepções. Para este espertalhão, veja bem, prometer e fazer são duas coisas diferentes. Vá, pois, diretamente ao comissário do quarteirão. Ana, a finlandesa, minha antiga empregada doméstica, está agora empregada na casa dele como babá das crianças. Eu o conheço de vista, aliás: ele passa frequentemente em frente a minha janela e não perde uma só missa de domingo. Rezando ao bom Deus, tem do mundo uma visão tão gentil que isso deve fazer dele a nata da espécie humana.

Advertido desta forma, Akaki Akakiévitch dirigiu-se tristemente a seu quarto. Como terá passado o resto da noite? Deixemos este julgamento aos cuidados daquelas pessoas que sabem mais ou menos colocar-se na pele dos outros.

No dia seguinte, assim que nasceu o dia, Akaki Akakiévitch foi ao comissariado. Mas o comissário ainda dormia. Voltou na hora do almoço. Foi parado no corredor por funcionários que queriam saber a todo custo o que o levava a procurar o comissário, o que desejava, o que havia acontecido com ele. Akaki Akakiévitch, no limite da paciência, pelo menos uma vez na vida mostrou firmeza: ele lhes disse com todas as letras que desejava ver o comissário em pessoa, pois vinha do ministério para tratar de um assunto urgente. Caso pretendessem barrá-lo, ele iria se queixar deles e então eles veriam o que isso iria custar... Os rabiscadores não ousaram replicar coisa alguma diante de tais

argumentos e um deles foi avisar ao comissário.

O comissário recebeu o relato do roubo de um modo muito estranho: ao invés de prestar atenção ao núcleo da questão, se pôs a questionar Akaki Akakiévitch: por que voltara para casa tão tarde? de onde viera? de algum lugar suspeito, por acaso? Tanto que o pobre homem se retirou completamente confuso perguntando-se se seria mesmo o caso de levar adiante a sua queixa.

Naquele dia, na única e exclusiva vez em sua existência, Akaki Akakiévitch não foi à repartição. Foi até lá no dia seguinte, lívido como um cadáver e vestido com o seu velho capote, que parecia num estado mais lastimável do que nunca. A história do roubo emudeceu quase todos os seus colegas, ainda que alguns descobrissem no episódio novas possibilidades para zombarias. Uma coleta organizada em seguida não produziu grandes coisas: estes senhores haviam feito recentemente uma subscrição em prol do retrato de seu diretor, bem como para a compra de uma certa obra patrocinada por seu chefe de divisão. Um deles, entretanto, movido por um sentimento de piedade, quis ao menos dar um bom conselho a Akaki Akakiévitch. Fez com que desistisse de recorrer ao comissário de seu bairro. Mesmo admitindo, o que era perfeitamente possível, que, para ficar com uma boa imagem junto a seus chefes, o digno homem encontrasse o corpo do delito, Akaki Akakiévitch não tomaria só por isso posse de seu bem. Como ele poderia fornecer a prova de que esta vestimenta era verdadeiramente dele? Melhor seria dirigir-se a um certo “personagem influente”, o qual, depois de manter contato por escrito e oralmente com quem de direito, imprimiria sem dúvida ao caso uma reviravolta favorável. Em desespero de causa, Akaki Akakiévitch resolveu procurar este personagem do qual, falando francamente, ninguém sabia precisar exatamente as funções. É preciso explicar que o dito personagem se tornara famoso apenas recentemente. De resto, comparado com outros mais consideráveis, o lugar que ele ocupava não era tido como muito importante. Mas a verdade é que se encontra sempre pessoas a emprestar importância a coisas que não têm nenhuma. Ele mesmo, aliás, tomava o cuidado de destacar sua importância através dos meios os mais diversos. Quando chegava a seu escritório, os funcionários de escalão inferior deviam recebê-lo em comissão. Ninguém podia se dirigir a ele a não ser pelas vias hierárquicas: o registrador do colegiado fazia seu relatório ao conselheiro da província, o conselheiro da província se dirigiria ao conselheiro titular ou a outro funcionário que fosse de direito.

O espírito de imitação infestou profundamente nossa santa Rússia, todos a querer fazer de conta que são chefes e atingir o patamar mais alto possível. Certos conselheiros titulares, convocados a dirigir uma repartição sem maior importância, se apressam, dizem, em inventar com a ajuda de uma divisória uma espécie de sala que pomposamente denominam: “gabinete do diretor”. Porteiros com galões espalhados por toda parte e golas vermelhas abriam a todos que chegavam as portas deste lugar onde mal repousava uma modesta escrivaninha. Nosso personagem importante afetando um ar nobre e maneiras altivas. Seu sistema, dos mais simples, apoiava-se apenas na severidade. “A severidade, ainda severidade, sempre a severidade!”, repetia ele sem parar, fulminando seu interlocutor com um olhar significativo ainda que supérfluo, os



dez ou doze funcionários que tinha sob suas ordens estando saturados de respeito e de um temor salutar: assim que o viam chegar, abandonavam suas ocupações e aguardavam perfilados em posição de sentido que ele se dignasse a atravessar a sala. Como dirigisse a palavra a seres inferiores a ele, seria num tom áspero e para colocar o mais das vezes uma das três questões seguintes: “De onde tirou esta arrogância? Sabe com quem está falando? Sabe diante de quem se encontra?”

Era, pois, um homem correto, muito solícito e, anteriormente, de uma convivência agradável com seus amigos. Ocorre que o título de Excelência havia dado uma reviravolta completa em sua cabeça. Desde que obtivera este título, seu espírito desviou-se e ele perdeu todo controle de si mesmo. Com aqueles que tinham o mesmo nível que ele, ainda se conduzia como um homem de boa educação, nem um pouco tolo sob muitos aspectos, mas se acaso se misturasse a seus companheiros alguma pessoa inferior ao lugar que ele ocupava na hierarquia, nem que fosse um só grau, ele se tornava de imediato insuportável, esquecendo toda a boa educação e não dizendo nem mais uma palavra. Isso não o impedia de perceber que ele poderia passar o tempo de uma maneira muito mais agradável. Dava então pena de ver: lia-se em seus olhos o vivo desejo de tomar parte de tal conversação, de se misturar a tal grupo, ao mesmo tempo que sentindo que ele estava travado pelo temor de comprometer sua dignidade, de causar algum dano a seu prestígio. À força de isolar-se num silêncio hostil entrecortado por vagos monossílabos, ele passava pelo mais perfeito dos patetas do mundo.

Akaki Akakiévitch procurou por este personagem num momento muito inadequado – ao menos para ele, pois o tal grande personagem não poderia sonhar com situação mais propícia à ostentação de sua importância. Fechado em seu gabinete de diretor, ele conversava em excelente estado de humor com um amigo e camarada de infância com o qual havia perdido o contato havia muitos anos. Avisado de que um certo Bachmatchkin pedia para falar com ele, perguntou num tom brusco:

“De quem se trata?”

– Um funcionário, responderam.

– Pois bem, que espere! Estou ocupado.”

Tratava-se, é preciso confessá-lo, de uma cínica mentira: nosso importante personagem não estava nem um pouco ocupado. A conversação havia algum tempo perdera o ímpeto, mourejava, cortada por longos intervalos nos quais os dois amigos davam tapinhas mútuas nas suas coxas, repetindo: “É isso aí, Ivan Abramovitch! – Certamente, Stepan Varlamovitch!” Ao ordenar que Bachmatchkin esperasse, nosso homem esperava apenas mostrar a seu amigo, afastado do serviço e morando no campo, o poder que detinha sobre os funcionários obrigados a esperar por suas boas graças na sala de espera. Quando, com um cigarro nos lábios e estirado nas confortáveis poltronas reclináveis, estes senhores tagarelavam ou permaneciam calados, o poderoso personagem pareceu lembrar-se subitamente de alguma coisa e disse a seu secretário que estava parado junto à porta com algumas pastas sob o braço:

“Falar nisso, creio que há um funcionário me esperando. Mande que entre.”

Diante do aspecto do lamentável Akaki Akakiévitch e de seu não menos lamentável uniforme, nosso importante personagem virou-se bruscamente para ele:

“O que deseja?”, perguntou com aquela voz áspera e cortante que aprendera a usar fazendo exercícios diante do espelho, na solidão de seu quarto, uma semana antes da promoção que havia feito dele uma Excelência. Já tomado pelo temor, Akaki Akakiévitch entabulou, da melhor forma que lhe permitia sua língua hesitante, um discurso pontilhado, mais do que era habitual, de “não é”. Ele tinha um capote novo estalando de novo; ele foi roubado sem piedade; ele suplicava a Sua Excelência de intervir da forma que lhe parecesse melhor, escrevendo a quem de direito, ao chefe de polícia ou a outro personagem qualquer para acelerar as buscas...”

O personagem importante achou, Deus sabe a razão, esta solicitação direta de uma familiaridade excessiva.

“Ah, meu senhor, exclamou ele no tom mais cortante, onde acredita estar? Desconhece a tal ponto os procedimentos adequados? O senhor deveria antes de mais anda apresentar sua demanda ao funcionário de serviço. Este deveria transmiti-lo na boa e devida forma ao chefe da repartição, o chefe da repartição ao chefe da divisão, o chefe da divisão a meu secretário, o qual afinal a submeteria à minha apreciação.”

Akaki Akakiévitch sentiu o suor inundar seu corpo. Reuniu então o resto de coragem que lhe sobrava para balbuciar:

“Que Vossa Excelência se digne me desculpar... Se a mim for permitido lhe perturbar..., é que os secretários, não é..., não se pode confiar neles...”

– Como?! Como?! exclamou o personagem importante. O que ousa insinuar com isso? Donde vêm estas ideias subversivas? De onde os jovens de hoje se permitem este espírito de insubordinação, esta falta de respeito diante de seus chefes e das autoridades constituídas?”

Sem dúvida, o personagem importante não havia notado que, tendo passado dos cinquenta, Akaki Akakiévitch não poderia ser alinhado entre os jovens a não ser de um modo relativo, por comparação com os velhos de setenta anos ou mais.

“Sabe com quem o senhor está falando? Compreende diante de quem está? Compreende? Vam os lá, eu estou perguntando!”

Ele lançou esta última frase batendo o pé e com uma voz elevada a um diapásão que faria com que sujeitos muito mais autoconfiantes do que Akaki Akakiévitch também perdessem a compostura. Akaki Akakiévitch sentiu-se prestes a desfalecer: seu corpo inteiro tremia, suas pernas vacilavam, bamboleavam, e se os porteiros que acorreram não o houvessem segurado pelos braços, ele teria infalivelmente caído no chão. Foi carregado quase inconsciente. Encantado pelo fato de que o efeito do que fizera havia ultrapassado todas as previsões, exultante com o fato de que sua palavra pudesse privar um homem de consciência, o personagem considerável observou com um canto de olho a impressão que esta cena havia produzido em seu amigo e ficou todo feliz ao constatar que o tal amigo parecia vagamente constrangido.

Akaki Akakiévitch desceu as escadarias e se viu na rua sem saber como.

Não sentia mais nem os braços nem as pernas. Jamais houvera sido tratado tão grosseiramente por uma Excelência e, o que é mais grave, por uma Excelência da qual ele não dependia. Caminhava de modo cambaleante e com o queixo caído, vergastado a todo instante pela neve que turbilhonava raivosamente, pelo vento que soprava em sua direção de todos os lados ao mesmo tempo, como parece ser regra em Petersburgo. Pegou num piscar de olhos uma bela e boa infecção da garganta e quando enfim chegou em casa foi deitar-se sem que sua garganta inflamada lhe permitisse emitir um som sequer. Tais são muitas vezes as consequências de uma séria descompostura! Graças à generosa colaboração do clima de Petersburgo, a doença evoluiu muito mais rapidamente do que se poderia esperar. Desta forma, quando o médico chegou e tomou o pulso de Akaki Akakiévitch, não pôde fazer mais do que prescrever um cataplasma e isso unicamente para não privar o doente do socorro eficaz da medicina. Ele declarou aliás e com toda a franqueza que o dito doente não tinha mais do que dois dias de vida, depois ele se virou para a proprietária e acrescentou:

“Então, minha boa senhora, não perca seu tempo inutilmente. Vá imediatamente comprar um caixão de pinho, pois um de carvalho seria demasiado caro para ele”.

Akaki Akakiévitch escutara estas palavras fatais? E se as escutou, foi por elas dolorosamente afetado? Teria ele se arrependido de sua lamentável existência? Ignoramos para sempre, pois ele delirou sem parar até a sua última hora. Visões, umas mais estranhas do que as outras, assaltavam-no sem descanso. Ora via Petrovitch e lhe encomendava um sobretudo munido de armadilhas para ladrões que cercassem seu leito, embora seja verdade que ele não parou de chamar sua proprietária para que ela retirasse um deles que se enfiara debaixo de suas cobertas. Ora se perguntava por que seu velho capote estava dependurado lá na parede se ele possuía um belo sobretudo inteiramente novo. Ora acreditava ainda estar aguentando a descompostura do grande personagem e lhe respondia humildemente: “Minhas desculpas, Excelência!” Ora blasfemava de um modo tão furioso que sua locadora se benzia – como aquele homem que jamais elevara a sua voz podia proferir injúrias tão horríveis e, mais grave ainda, uni-las ao nobre nome de Sua Excelência? Perto do fim, Akaki Akakiévitch pôs-se a balbuciar palavras incoerentes, mas que não eram menos indicativas de que todos os seus pensamentos continuavam a girar confusamente em torno do capote.

Quando o pobre Akaki Akakiévitch exalou o último suspiro, não se colocou laque nem em seu quarto nem em seus pertences: ele não tinha nenhum herdeiro e não deixava nada além de um pacote com penas de gansa, uma resma de papel timbrado do ministério, três pares de meias, dois ou três botões e o famoso capote. Quem tomou posse de tudo isso? Devo confessar que o autor deste relato não se preocupou com este detalhe.

O morto foi levado, colocado na sepultura e Petersbourg ficou sem Akaki Akakiévitch. Desapareceu para sempre, este ser sem defesas por quem ninguém jamais demonstrou afeição ou dedicou a menor atenção, não, ninguém, nem mesmo um destes naturalistas sempre prontos a espetar a mais banal das moscas para examiná-la ao microscópio. Se esta criatura resignada a sofrer com as

zombarias de seus colegas, incapaz de empreender qualquer ação notável, tivesse visto subitamente sua triste existência iluminada – um breve instante, próximo ao fim – pela visão radiosa de um capote novo, seria para que a infelicidade se abatesse sobre ele como se abate sobre os poderosos deste mundo!...

Alguns dias depois de seu desaparecimento, um mensageiro do ministério veio intimá-lo a retomar seu posto. O mensageiro não conseguiu, está claro, cumprir sua missão e foi obrigado a comunicar a quem de direito que Akaki Akakiévitch não voltaria mais.

“E por quê?, perguntaram.

– Porque ele morreu, disse. Lá se vão quatro dias que o colocaram na terra.”

Foi assim que se soube do falecimento de Akaki Akakiévitch. Que foi substituído no dia seguinte: o novo expedicionário tinha um traço muito mais refinado e uma escrita mais elegante.

Entretanto, Akaki Akakiévitch não havia ainda tido a última palavra... Quem poderia ter acreditado que levaria no além-túmulo uma existência movimentada, capaz de conhecer aventuras ruidosas, sem dúvida para compensar o pouco brilho de sua vida terrestre? No entanto, assim foi e nossa modesta narrativa deverá concluir com uma nota ao mesmo tempo fantástica e inesperada. O rumor espalhou-se súbito por Petersburgo segundo o qual o espectro de um funcionário aparecia de noite nas redondezas da ponte Kalinkine. Sob pretexto de recuperar um capote roubado, o espectro tomava dos transeuntes de qualquer condição seus capotes, quaisquer que fossem, de algodão, forrados, com golas de pele de gato, golas de pele de castor, peliças de camundongo, peliças de urso ou de raposa, em resumo, todas as peles das quais os homens fazem uso para cobrir sua própria pele. Um dos antigos colegas do finado Bachmatchkin chegou a ver o espectro com seus próprios olhos e nele reconheceu de imediato Akaki Akakiévitch – no entanto, não teve a chance de vê-lo de perto, pois o medo o fez disparar em desabalada carreira ao pressentir que o fantasma o ameaçava à distância.

As queixas vinham de todas as partes. Seria aceitável caso os roubos dos capotes ameaçassem apenas as costas e os ombros dos conselheiros titulares, mas acontece que ameaçavam até mesmo expor a um resfriado os conselheiros áulicos. A polícia recebeu uma ordem de agarrar o fantasma, morto ou vivo, e aplicar nele um severo corretivo que pudesse servir de exemplo aos demais. E quase o conseguiu. Na rua Kiriuchkin, com efeito, um guarda civil chegou a colocar a mão na gola do morto, justo no momento em que este arrancava o capote de um músico aposentado, o qual em sua época fora um belo talento na flauta. O guarda chegou a pedir a ajuda de dois de seus colegas. Rogou que segurassem solidamente o fantasma, enquanto procurava pela caixa de rapé no fundo de sua bota a fim de reanimar seu nariz, que já havia congelado seis vezes no curso de sua existência. Mas o tabaco era tão forte que o próprio espectro não conseguiu resistir. Mal o guardião da ordem fechou com um dedo sua narina direita para aspirar uma meia pitada com a esquerda, o morto deu um espirro prodigioso, cujos estilhaços cegaram os três meganhas. E enquanto eles levavam

as mãos ao rosto para esfregar seus olhos, o fantasma escafedeu-se de um modo tão sutil que eles ficaram se perguntando se o haviam de fato aprisionado em suas mãos. Depois desta ocorrência, os guardas adquiriram um tal pavor dos mortos que passaram a evitar prender até mesmo os vivos. Limitavam-se a gritar aos suspeitos: “Ei, indivíduo, vamos circulando!” Quanto ao funcionário-fantasma, ele teve a ousadia de apresentar-se além da ponte Kalinkin, o que não deixou de semear o terror entre os espíritos pusilânimes.

Mas nós abandonamos inteiramente o famoso “personagem importante” graças a quem, ao final das contas, esta história verdadeira deveria tomar um rumo fantástico. A imparcialidade obriga-nos a reconhecer que, pouco depois da partida do infeliz, o personagem importante sentiu um certo remorso de tê-lo tratado tão rudemente. A compaixão não lhe era estranha, e certos bons sentimentos, que sua dignidade com frequência o impedia de deixar transparecer, encontraram portanto um refúgio no fundo de seu coração. A partir do momento em que seu amigo o deixou, ele ficou a pensar no pálido funcionário que acabara de ser fulminado pelos raios de sua cólera ditatorial. Desde então esta imagem o perseguiu de tal modo e de forma tão intensa que ao cabo de oito dias, não suportando mais, ele enviou um funcionário a se informar a respeito do sujeito: como estava e no que poderiam lhe ser úteis?

Quando ele soube que Akaki Akakiévitch havia sucumbido a um brusco acesso de febre, esta notícia desconcertante despertou nele remorsos e o deixou de mau humor ao longo do resto do dia. Sentindo necessidade de se distrair, de sacudir aquela impressão insuportável, ele se dirigiu à casa de um de seus amigos, que estava dando uma festa. Lá encontrou companhia muito agradável, quase que inteiramente composta por pessoas que tinham o mesmo nível que ele. Nada portanto poderia aborrecê-lo e esta circunstância teve um forte efeito de felicidade em seu estado de espírito. Ele se distraiu, foi brilhante, em resumo, passou uma bela noitada. Na ceia, bebeu uma ou duas taças de champanhe, bebida, com o todos sabemos, muito propícia a dissipar os humores negros. O champanhe inspirou-lhe o desejo de alguma coisa a mais. Ao invés de voltar de imediato para casa, resolveu fazer uma visita a uma certa Caroline Ivanovna, senhora de origem alemã, acho, pela qual ele cultivava sentimentos inteiramente amigáveis. É preciso dizer que o personagem importante, bom marido e não menos bom pai de família, tinha já uma idade respeitável. Dois filhos, um dos quais já trabalhava, e uma encantadora filha de dezesseis anos com um nariz arrebitado, mas encantadora assim mesmo, os quais todas as manhãs vinham lhe beijar as mãos, dizendo: “Bom dia, papai”. Sua mulher, ainda bela e nada desprezível, também beijava sua mão – depois, porém, de ter ele beijado a dela. Se bem que estes prazeres familiares lhe dessem plena satisfação, o personagem importante julgou no entanto conveniente estabelecer num outro bairro da cidade relações fortemente cordiais com uma amiga amável, a qual, aliás, não era nem mais jovem nem mais bela do que sua mulher. Eis aí um destes enigmas frequentes neste vale de lágrimas e que não nos cabe explicar.

O personagem importante desceu então as escadas, tomou lugar em seu trenó e disse ao cocheiro:

“Para a casa de Caroline Ivanovna!”

Bem agasalhado em sua confortável peliça, ele se abandonou a este delicioso estado de alma, o mais desejável para um russo, no curso do qual pensamentos infinitamente agradáveis vêm por si mesmos nos visitar sem que tenhamos necessidade de persegui-los. Ele repassava em sua mente todos os acontecimentos da noitada de festas, todas as brincadeiras que tanto haviam divertido o pequeno círculo de amigos. Repetia até mesmo, em voz baixa, algumas tiradas, nelas encontrando ainda mais sabor e concluindo que ele estava plenamente certo ao optar por um prazer extremo. De tempos em tempos, no entanto, fustigantes rajadas interrompiam esta doce quietude. Vinda Deus sabe de onde e com quais desígnios, elas jogavam contra seu rosto blocos de neve, estufando o capuz de seu capote como se fosse a vela de um barco ou jogando-o raivosamente contra seu próprio rosto, o que o obrigava a contínuos esforços para se defender.

Súbito, o personagem importante sentiu que uma mão vigorosa o agarrava pela gola. Ele virou a cabeça e viu um homem de pequena estatura, vestido com um velho uniforme puído, em quem ele reconheceu sem esforço algum Akaki Akakiévitch. Seu rosto branco como a neve tinha uma expressão cadavérica. O medo do personagem importante ultrapassou todos os limites quando o morto entreabriu a boca num esgar e, exalando em seu rosto um odor sepulcral, pronunciou estas palavras:

“Ah! Ah! Aí está você! Finalmente posso te agarrar pela gola! É de teu casaco que eu preciso! Tu não quiseste, não é?, mandar que procurassem o meu, chegaste mesmo a me passar uma esculhambação! Pois bem, agora, não é?, me dê o teu.”

O personagem infeliz só faltou cair morto. Habitualmente, ele se comportava com muita firmeza... diante de seus subordinados e, em geral, de todos que lhe eram inferiores. Seu aspecto marcial fazia com que todos dissessem: “Oh, oh, que caráter!” Mas naquela noite, da mesma forma que ocorre em sujeitos valentões, ele cedeu a um terror tão furioso que, não sem motivo, encontrou aí o início de uma doença grave. Ele próprio jogou seu casaco para longe e gritou ao cocheiro com uma voz desfalecida:

“Para minha casa! Galopando!”

Diante destas palavras, pronunciadas num tom que empregamos em momentos decisivos, o cocheiro pensou ser razoável, para maior segurança, enfiar a cabeça entre seus próprios ombros e, com violentos golpes de chicote, lançou o cavalo numa disparada alucinada.

Cerca de seis minutos depois, o importante personagem estava em sua casa, e não na casa de Caroline Ivanovna. Sem o casaco, lívido, perturbado, arrastou-se até sua cama, na qual passou uma noite muito agitada, tanto que no dia seguinte, durante o café da manhã, sua filha lhe disse com sua voz ingênua:

“Como estás pálido hoje, papai!”

Mas o papai não respondeu nada. Não diria a ninguém onde havia ido nem onde tivera intenção de ir, muito menos o que lhe havia acontecido no caminho.

Este acontecimento lhe provocou uma impressão tão forte que ele abriu mão a partir de então das famosas expressões: “De onde tirou esta arrogância? Compreende diante de quem estás?” Ao menos não as proferia mais antes de

saber muito bem do que se tratava.

Coisa ainda mais notável, a partir desta noite as aparições do funcionário-fantasma deixaram de ocorrer. A peliça de Sua Excelência havia sem dúvida cumprido seu destino. Em todos os casos, não mais se ouviu falar de casacos roubados. Entretanto, os espíritos desconfiados não se tranquilizaram inteiramente. Pretenderam mesmo que o fantasma ainda aparecia em certos bairros distantes. De fato, em Kolomna, um guarda viu com seus próprios olhos sua aparição numa esquina. Por infelicidade, este homem era de constituição frágil; uma vez até um porquinho que escapara de um cercado, o havia derrubado, para grande hilaridade de alguns cocheiros de fiacre, os quais ele puniu em seguida pela insolência, extorquindo deles uns tostões para comprar tabaco. Em função, portanto, de sua constituição frágil, o guarda não ousou deter o fantasma – ele se contentou em segui-lo através da escuridão. Não demorou e o espectro parou, dando uma brusca meia-volta.

“Que queres?”, perguntou ele, erguendo um punho para o qual dificilmente encontraríamos equivalente entre os vivos.

O fantasma desta vez era de estatura bastante mais alta e usava bigodes enormes. Parecia estar se dirigindo à ponte Oboukhov e, súbito, desapareceu completamente em meio às trevas noturnas.

(1842)

visitá-las, convidado para um jantar na semana seguinte. Retornou a sua casa mais tranquilo, inteiramente conquistado pelo charme e da grande dama. Até aquele momento havia considerado aqueles seres como inacessíveis, unicamente criados e colocados no mundo para rodar em seus belos veículos, com cocheiros e criados de pé e em grande estilo, não concedendo aos pobres pedestres mais do que olhares indiferentes. E eis que uma destas nobres criaturas havia estado em sua casa para lhe encomendar o retrato de sua filha e convidá-lo a visitar sua aristocrática residência. Uma alegria delirante invadiu-o. Para festejar este grande acontecimento, ofertou a si mesmo um bom jantar, passou uma noite festejando e novamente atravessou a cidade num landau, como sempre sem qualquer necessidade.

Nos dias seguintes, não conseguiu se interessar por seus trabalhos em andamento. Não fazia mais do que se preparar, esperando o momento em que alguém iria bater à porta. Enfim a grande dama e sua pálida criança chegaram. Fez com que sentassem, aproximou a tela – desta vez com desenvoltura e pretensões à elegância – e começou a pintar. O dia ensolarado, a claridade viva permitiram-lhe perceber sobre seu frágil modelo certos detalhes que, traduzidos para a tela, emprestariam um grande valor ao retrato. Compreendeu que, caso conseguisse reproduzi-los com a mesma perfeição com que lhes eram oferecidos pela natureza, faria alguma coisa de extraordinário. Seu coração começou mesmo a bater ligeiramente quando sentiu que iria exprimir aquilo que ninguém antes dele tinha sido capaz de perceber. Entregue a sua obra, novamente esqueceu-se da origem nobre de seu modelo. Ao ver estes traços tão delicados inteiramente entregues a seu pincel, esta carne maravilhosa, quase diáfana, ele quase se sentia desfalecer. Pensava em captar a mais sutil nuance, um leve reflexo amarelo, uma mancha azulada quase invisível sob os olhos. E já copiava uma pequena espinha colocada sobre a testa, quando escutou atrás de si a voz da mãe:

“– Mas não, vamos lá!... Por que isso? É inútil... Ademais, me parece que em certos lugares o senhor fez... amarelado demais... E aqui, veja, parecem pequenas pintas escuras.”

O pintor quis explicar que precisamente estas pintas e estes reflexos amarelados valorizavam o contraste com o rosto agradável e colorido. Ao que lhe foi respondido que não valorizavam coisa nenhuma, que tratava-se de uma ilusão de sua parte.

“Permita-me no entanto um ligeiro toque de amarelo, um só, aqui, veja”, insistiu o ingênuo Tchartkov.

Não lhe foi permitido nem mesmo isso. Disseram-lhe que Lise não estava muito bem disposta naquele dia, pois habitualmente seu rosto, que era de uma frescura surpreendente, não exibia o menor sinal de amarelo.

Por bem ou por mal, Tchartkov foi obrigado a apagar aquilo que seu pincel fizera nascer sobre a tela. Alguns traços quase invisíveis desapareceram e com eles desfez-se uma parte da semelhança. Começou a imprimir ao quadro aquela nota mecânica que se pinta de memória e transforma os retratos de seres vivos em figuras friamente irrealis, semelhantes a modelos de desenho. Mas o desaparecimento dos tons desagradáveis satisfizeram plenamente a nobre